

DIÁLOGOS SOBRE A INTOLERÂNCIA: AS CRIANÇAS E A PANDEMIA¹

Jerto Cardoso da Silva²

Leonardo Verna³

Desde o mês de março de 2020, no Brasil, muito já foi noticiado através de todos os meios de comunicação sobre o COVID-19. Este é um vírus que vem assolando o mundo, deixando milhares de mortos por onde passa. Essas perdas não puderam ser sentidas com o ritual ou cerimônia que cada cultura tem por hábito. Em muitos casos não houve cerimônias, e viveram isso assistindo os seus entes queridos serem empilhados junto de outros corpos como se estivéssemos em guerra. Pensando nesses mortos que deixaram seus filhos, seus amores, e que aqui permanecem tentando ressignificar essas perdas tão brutais, resolvemos escrever e fazer uma interlocução fictícia com o nosso personagem o Sr. Corona e uma criança que perdeu seu familiar a pouco devido complicações com o Covid-19, a partir de respostas de crianças encontradas no livro *“Casa das estrelas: o universo contado pelas crianças”* de Javier Naranjo, dicionário, escrito a partir do significado dado pelas crianças a palavras como morte, vida... Transcrevemos esse diálogo abaixo:

O sr. Corona já visitou vários países e nele fez grandes amigos, que o tornaram gigante, forte e letal. Ao encontrar uma criança brasileira que perdeu seu familiar, e que não entendia ainda seu poder mortal, resolveu dialogar com ele. Dialogar não era feitiço do senhor Corona, mas ele respondeu a provocação da criança.

Sr. Corona, você quer brincar? - Não tenho tempo para brincar, quando brinco com meus amiguinhos, eles acabam adoecendo, outros tentam usar o meu poder para machucar outras pessoas. Não posso ficar junto de ninguém, pois acabo contagiando os outros e causando dor.

Mas brincar *“ é estar contente e amando”*. Senhor Corona exclama – Não, quando já morreram tantas pessoas, até agora são 1000 por dia aqui no seu país.

A criança, responde: - Eu também fico triste, pois *“a morte é alguém. É uma coisa que não volta. É um ser vivo já sem vida que ainda temos que amar”*. “Não é porque morreu que o amor acaba”, que a gente não pensa mais, que não deixou uma história. Todo mundo tem alguém que perdeu na sua família, e *“Família é o encontro de toda a vida, é uma união entre*

¹ Artigo originalmente publicado no Jornal Gazeta da Serra, no dia 29 de maio de 2020.

² Professor do curso de Psicologia e do Mestrado Profissional em Psicologia – UNISC.

³ Aluno graduando em Psicologia – PUC-RS

várias pessoas que se acham familiares”. E o senhor tem família? Ele responde: - Sim e protejo eles com toda a minha força.

Então, Sr. Corona, por que o senhor semeia o ódio, *“virtude má que o ser humano tem”*? Fico pensando se é por isso que o senhor não sabe brincar. Isso deve tirar a sua paz. Porque *“paz é quando alguém se perdoa”*. O que Sr. Corona dirá para si mesmo, quando ver que essas pessoas não brincam mais, este número pode passar de cem mil? Será que o senhor sabe o quanto eles ainda queriam brincar? O senhor, com o poder que tem nas mãos, por que não faz algo para impedir essas mortes? E sem respostas, ele diz: - E daí?

A criança responde, acho que isso é um pecado, deixar morrer podendo fazer algo para salvar, pois *“pecado é quando uma pessoa comete um pecado imortal”*. E o senhor Corona pergunta: - Por que Imortal?

E a criança diz, pois ficará muito tempo escrito na nossa história, o descaso, o não fazer nada por essas pessoas. Agora sei o porquê do senhor não ter tempo. O senhor Corona diz espera aí: - *“vai morrer alguns inocentes, tudo bem, tudo quanto é guerra morre inocente”*...

A criança diz: - parece que o senhor está matando tanta gente, não é uma guerra, e acho que precisa de um tempo para pensar, pois o tempo é *“algo que acontece para lembrar. O que corre sobre a vida. Algo que corre na gente. O que divide a gente”*. O senhor está encurtando o nosso tempo. A cada dia estamos com nosso tempo mais dividido entre a vida e a morte. Se o tempo corre na gente, o nosso tempo está chegando ao fim? É disso que o Sr. Corona quer se lembrar?

O senhor Corona diz: - *“quer que eu faça o quê, não faço milagres”*.

Por que o senhor fica tão distante, pois “distância é alguém que se vai de alguém”. Sr. Corona, pelo que me parece, você nunca quis se aproximar e aprender a brincar, *pois quando” a gente se aproxima do outro, acontece de a gente ficar amigo e amar, o amor é “o que cada coração reúne para dar a alguém. Só um “instante é a única coisa que alguém pede a uma pessoa”, pedido um pouco de tempo*. Então, eu lhe peço que olhe para os mortos pelo covid-19. Olhe para eles que não brincam mais.

O senhor Corona diz: -brincar *“ para mim é a morte. Digo mais: prefiro que morra...”*

A criança responde: - Mas isso não é ser político. *“ Político é uma pessoa que acaba com a gente ou ajuda, depende da situação econômica”*. Parece que Sr. Corona está querendo acabar com a gente, não tomando as medidas necessárias para salvar vidas.

A criança continua: *Isso é uma tristeza, “tristeza, é sentir. A vida é sentir, nascer, ter esperança de que alguém é alguém. É uma força profunda do coração. É tudo, é o tempo que*

estamos manifestados”. Sr. Corona sente algo pela nossa gente? Pela nossa vida e pela nossa morte? Sr. Corona tem noção do que é realmente se preocupar com o outro?

A criança fala ainda: o senhor não sabe nada de brincar, isso é só *Violência, pois violência é “ quando as crianças e as pessoas estão sendo violadas*”. E o senhor Corona diz: - “cala a boca”.

A criança sinaliza: tenho medo “da chuva, de tudo, por que eu tenho tosse e não posso sair na rua” para *brincar com outras pessoas*”. E daí ela finaliza dizendo para o senhor Corona: - *Ainda quero a ser feliz, pois “ felicidade é quando o amor, a paz e as coisas boas estão juntas*”.

Estes são significados de crianças de 5 a 12 anos. O imaginário dela é tão profundo. Não podemos abandoná-las, são vidas, e precisamos estar juntos para fazer senhor Corona pensar, ele continua forte e letal. E é só nos coletivos humanos e com a humanidade das crianças que poderemos enfrentá-lo. Não podemos deixar as crianças sozinhas com o seu sofrimento, deixar elas falarem sobre seus medos, sobre a morte, mas também possibilitar a elas, ao não silenciar, que se produzam histórias e vida, ressignificando a morte dessas pessoas.